

palmente nas questões de ordem espiritual, mais vale silenciar e orar que tumultuar e confundir.

Pergunta — Você acredita que se nós, os terrestres, fôssemos mais evoluídos e pacíficos, as humanidades de outros planetas já teriam entrado em contato amplo conosco?

Resposta — Provavelmente, sim. Uma evolução espiritual iluminada pelo amor fraterno, consoante os ensinos de Jesus, devidamente praticados, nos colocaria em condições de receber os seres superiores de outros campos cósmicos do Universo para compreendê-los e assimilar-lhes as lições de progresso que nos pudessem ministrar.

Pergunta — Às vezes, me parece que nós, na sociedade atual, trabalhamos em ritmo frenético, transformando o trabalho num fim em si mesmo. Entende você que esse acúmulo de trabalho e responsabilidades está de acordo com a evolução em Deus, ou simplesmente se trata de excesso de zelo nosso, uma espécie de desvio ou escapismo concebido por nós próprios?

Resposta — Caro Fernando, conforme o nosso abnegado Emmanuel afirma, creio que “Deus cria a vida e o homem cria a existência que se lhe faz particular, dentro da própria vida”. Em matéria de trabalho, misturado com a aflição que nos caracteriza hoje as experiências na Terra, apesar de reconhecermos a irreversibilidade do progresso, admito que o assunto pertence a nós mesmos, ao gênero e ambiente de vivências escolhidas por nós.

Fernando Worm

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 171, fevereiro/abril de 1977.)

Um encontro fraterno e uma mensagem aos espíritas brasileiros.

No exato momento em que as forças vivas da família brasileira lembram o aniversário de cinquenta anos de labor mediúnico do nosso querido médium espírita Francisco Cândido Xavier, a se verificar em julho próximo, é justo que recordemos nosso encontro com o citado médium.

Procuraremos registrar aqui, com a maior fidelidade possí-

vel, o conteúdo desse encontro, o diálogo que mantivemos com vistas ao mais perfeito conhecimento por parte de quantos se interessam pelo assunto, assumindo nós, todavia, a responsabilidade do pensamento traduzido, a fim de evitar aborrecimentos ao nosso querido médium.

Inicialmente, nosso encontro foi uma resposta satisfatória a uma carta que lhe endereçamos, em que fazíamos uma apreciação crítica do movimento espírita em geral e do de unificação em particular, confiando-lhe, assim, as nossas preocupações doutrinárias.

Suas palavras ainda ressoam em nossa acústica doutrinária, convidando-nos a uma meditação séria em torno do Espiritismo, que revive o Cristianismo primitivo em sua simplicidade e que tem no “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” a sua expressão máxima.

— Jarbas, amigo, precisamos conversar desapaixonadamente sobre o nosso movimento. É preciso que nós, os espíritas, compreendamos que não podemos nos distanciar do povo. É preciso fugir da tendência à elitização no seio do movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores, compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar. É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto com as massas, que amemos a todos os companheiros, mas sobretudo aos espíritas mais humildes social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade. Se não nos precavermos, daqui a pouco teremos em nossas casas espíritas, apenas falando e explicando o Evangelho de Cristo, as pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais e confrades de posição social mais elevada. Mais do que justo evitarmos isso (repetiu várias vezes), a elitização no Espiritismo, isto é, a formação do “espírito de cúpula”, com a vocação de infalibilidade, em nossas organizações.

— Então, caro Chico, o problema não é de direção ou, melhor diríamos, de administração espírita?

— Não, o problema não é de direção ou administração em si, pois precisamos administrar até a nós mesmos, mas a maneira como a conduzem, isto é, a falta de maior aproximação com irmãos socialmente menos favorecidos, que equivale à ausência de amor, presente no excesso de rigorismo, de suposta pureza doutrinária, de formalismo por parte daqueles que são responsáveis pelas nossas instituições; é a preocupação excessiva com a parte material das instituições com a manutenção, por exemplo, de sócios contribuintes ao invés de sócios ou companheiros ligados pelos laços do trabalho, da responsabilidade, da fraternidade legítima; é a preocupação com o patrimônio material ao invés do espiritual e doutrinário; é a preocupação de inverter o processo de maior difusão do Espiritismo, fazendo-o partir de cima para baixo, da elite intelectualizada para as massas, exigindo-se dos companheiros em dificuldades materiais ou espirituais uma elevação ou um crescimento, sem apoio dos que foram chamados pela Doutrina Espírita a fim de ampará-los na formação gradativa.

Naquele instante, recordamos que Allan Kardec deixou bem claro na “Introdução ao ‘O Livro dos Espíritos’ ” que o caminho da Nova Revelação seria de baixo para cima, das massas

para a elite, porque “quando as idéias espíritas forem aceitas pelas massas, os sábios se renderão à evidência”.

Recordou, ainda, o dever imperioso de todos nós de evitar a deturpação da mensagem dos espíritos, como aconteceu com o Cristianismo oficializado por Constantino. A Doutrina dos Espíritos veio para restaurar o Cristianismo, mas na sua feição evangélica primitiva, entendendo-se que em Espiritismo Evangélico é respeitar e auxiliar, amparar e elevar sempre, entendendo-se que os melhores e os mais cultos são indicados a se fazer apoio de seus irmãos em condições difíceis para que se alteiem ao nível dos melhores e mais habilitados ao progresso.

Aí está a essência de nossa conversação. Nesse sentido, ressaltou muito bem o nosso irmão Salvador Gentile em “Anuário Espírita 77”:

“Por mais respeitáveis os títulos acadêmicos que detenhamos, não hesitemos em nos confundir na multidão para aprender a viver, com ela, a grande mensagem.”

Depois deste diálogo, penetraram mais profundamente as palavras do Dr. Bezerra de Menezes em “Unificação, serviço urgente mas não apressado”: “É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos mensageiros divinos a Allan Kardec, sem compromissos, sem personalismo deprimente, sem pruridos de conquista e poderes terrestres transitórios”.

“Respeito a todas as criaturas, apreço a todas as autoridades, devotamento ao bem comum e instrução do povo, em todas as direções, sobre as verdades do espírito, imutáveis, eternas”.

“Nada que lembre castas, discriminações, evidências individuais, privilégios, imunidades, prioridades”.

“Amor de Jesus sobre todos, verdade de Kardec para todos”.

Em essência, esse pensamento é repetido pelo mesmo espírito em mensagem que vai publicada noutro local de “O Triângulo Espírita”.

Emmanuel também é incisivo em “Aliança Espírita”: “Educarás ajudando e unirás compreendendo”.

Jesus não nos chamou para exercer a função de palmatórias na instituição universal do Evangelho, e, sim, foi categórico ao afirmar:

‘Os meus discípulos serão conhecidos por muito se amarem.’ ”.

Cumpre-nos, desta forma, meditar melhor a mensagem dos espíritos, mas, sobretudo, aplicá-la em nosso movimento espírita, em nossas casas espíritas, e, principalmente, em nosso movimento de unificação, aplicação esta que vem sendo a tônica de toda a vida de nosso médium Chico Xavier. Aliás, ninguém mais do que ele viveu e vive o verdadeiro sentido da unificação e que é o retratado acima.

Jarbas Leone Varanda

(Transcrito do Jornal “O Triângulo Espírita”, de 20 de março de 1977.
Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 171, fevereiro/abril de 1977.)